



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES:— Alberto Pimentel; Alberto Telles; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:— *Chronica*, por Santilhana.— *O infante D. Duarte de Bragança*, por Pinheiro Chagas.— *A confissão*, conto, trad. de D. Guiomar Torreção.— *Um torrão d'assucar*, conto, trad. de Vidigal Salgado.— *Lendas dos vegetaes*, por Eduardo Sequeira.— *As nossas gravuras*.— *Tibi*, versos, por Alves Crespo.— *Em familia* (*Passatempos*).— *Um conselho por semana*.— *A vir*.— *Começo d'um reinado*, por Marques Gomes.

GRAVURAS:— *O general José Maria Lobo d'Arila*.— *Agostinho Fereiro*.— *D. Antonio de Noronha*.— *As Damadas de Paris* (*specimen das gravuras*).— *A princeza Luiza de Galles e o duque de Fife*.— *O carteiro Antonio Marcellino Chaves*.— *Luiza da Purificação Chaves*.— *Maria Joaquina Marquez*.— *Tizza*.



CHRONICA

Eu não sei quantos graus de calor marca o thermometro, porque não tenho o instrumento aqui à mão; mas o que sei é que estou positivamente torrado.

Diziam-me que no campo, em pleno bucolismo, sopravam brisas refrigerantes, e que era uma delicia vir passar uns dias *sub tegmine fagi*, em trages ligeiros.

Que os leve o demonio com os seus dizeres e conselhos. Fiado n'elles, abandonei o remanso da minha agua-furtada garrida, que não fica a dever nada á torre Eiffel, e vim directinho para o campo, depois de feita a *toilette* apropriada á circumstancia.

Pois desde que aqui estou, parece-me que vivo sobre um enorme braseiro. Nem a mais tenue pontinha de brisa a acariciar-me as orelhas. Desde manhã até ao decahir da tarde, sufoca-se dentro de quatro paredes e fóra d'ellas.

A agua escalda-me, e não ha gelo para lhe abrandar as ardeencias revulsivas. O estio expande-se em ondas, do zenith abrazado sobre a planicie inflammada. A transpiração copiosa do corpo colla-nos a roupa ás carnes. Um inferno!

Se estamos dispertos, aborrecemo-nos pyramidalmente, acabando por escabecear, enervados, e por querermos dormir. Se procuramos mergulhar no somno, vem logo um corpo de exercito de moscas, escalonado em divisões aguerridas, assaltar-nos o rosto, carregando á bayoneta sobre o nosso nariz inoffensivo.

De noite, quando as moscas, fatigadas, repouzam indolentemente no tecto, uma brigada de formigas e d'outros insectos varios, veem, muito lampeira, fazer reconhecimentos pelo nosso leito acima. E lá nos foge espavorido o somno, ás primeiras investidas d'aquella tropa fandanga, fértil em estratagemas e *ruses*.

O diabo leve o campo, que não era assim que m'o pintaram. Para isto, e para gosar alta noite, quando muito, *à la belle étoile*, uma aragemzinha medrosa, não valia a pena ter abandonado a minha casita no alto da Avenida, onde tambem ha d'isso de ver, um quando, sem o apeno impertinente dos moscardos.

Tenho horisontes largos por onde espraia a vista, lá isso tenho. O oceano está ali, a dois passos, e a dois passos branqueja a praia d'areias movediças, onde a vaga espumante vem espreguiçar-se e um rancho de banhistas se agita em trajés estapafúrdios e multicores.

Lá ao largo, velas brancas, semelhando azas de cysne, deslisam suavemente sobre a superficie incommensuravel das aguas.

Mas eu não olho ao largo, para ver a praia, as banhistas e as velas brancas, que o meu olhar não tope com o paspalhão do Bugio, aquella desgraciosa escrescencia de pedra, que imerge, como um galheteiro enorme, da toalha azulada do mar.

O Bugio a todas as horas do dia, devem confessar que é massador.

E eu não tenho mais nada que admirar senão esse espantallo, onde o vagalhão se quebra soltando urros sinistros.

Podem dizer-me que escolhi mal o sitio, e que na Cruz Quebrada ou por entre a ramaria expressa dos arvoredos de Carnaxide, poderia encontrar o que não tenho aqui, brisas frescas e regatos sussurrantes, um pouco de conforto no meu *home*, muito menos bicharia á roda de mim.

Objectarei a quem m'o disser, que só n'estas paragens se me deparou um cantinho hospitaleiro onde alojar o meu individuo. Tudo o mais fôra já tomado d'assalto e occupado militarmente pelo indigena.

Aqui estou, pois, á espera de que uma bella manhã a natureza se levante em *toilette* outonica, que o sol empallideça e que o vento principie a tossir no horisonte.

Então, é provavel que os moscardos comecem a cair, sem alentos para morderem a nossa epiderme, e o suor não me cairá em gotas, da face sobre o papel, como está cabindo agora.

Só tem uma vantagem isto: não dá assumpto para a chronica, e a chronica não se escreve.

Ha compensações para tudo n'este mundo.

SANTILHANA.

O INFANTE D. DUARTE DE BRAGANÇA

I

Acaba de sair á luz um livro verdadeiramente interessante e valioso e cuja continuação anciosamente esperamos, E' o 1.º volume da *Historia do infante D. Duarte*, escripta pelo sr. José Ramos Coelho, que ha uns poucos de annos se entrega com viva dedicação e consciencioso estudo ás investigações necessarias para uma obra verdadeiramente completa como elle tentava e desejava fazel-a.

Vamos seguir rapidamente esse magnifico repositório de noticias interessantissimas, para d'ellas colhermos o ensinamento que resulta e que é, muitas vezes, como verão, importantissimo.

O sr. Ramos Coelho começa por nos descrever com uma vivacidade notavel os caracteres bem differentes d'aquella familia Bragança, simples familia ducal, que, por mais que a Hespanha tentasse offuscal-a e mettel-a na sombra, conservava sempre o seu prestigio nos Portuguezes, e sabia manter illesa a sua dignidade principesca. A physionomia mais notavel é, sem duvida alguma, a da duqueza D. Catharina, audaciosa pretendente que tanto procurou actuar no animo do cardeal-rei, para que elle, em testamento, deixasse o throno ao duque D. João, principe portuguez e bem-quisto. Ah! se ella podesse montar a cavallo, e vestir uma couraça, como ella tomaria o papel que o prior do Crato, apesar da sua bravura pessoal, tão mal soube desempenhar! Mas foi ella em todo o caso um obstaculo a que os duques de Bragança desempenhassem o papel que lhes competia, e essa dualidade de pretendentes portuguezes desmanchou completamente a resistencia, se é que, ainda assim, essa resistencia era possível, depois de Alcacer-Kibir e quando D.

D. Theodosio caira prisioneiro em Alcacer-Kibir, e não era por elle de certo que se empenhava o rei de Hespanha.

Perdidas todas as esperanças, D. Catharina ao menos soube manter a sua dignidade e os seus direitos de princeza.

O proprio D. Philippe, apesar da sua dureza, não ousou quebrar aquella resistencia feminil. Bem queria elle esmagar essa altiva casa, nivellal-a com as de quaesquer outros fidalgos de Hespanha, mas não o conseguiu, e foi elle proprio que estabeleceu a tradição. Por mais que os seus successores quizessem, a casa de Bragança mantinha-se n'uma situação privilegiada, fazendo do seu paço de Villa-Viçosa a côrte portugueza, o centro de todas as esperanças e de todos os descontentamentos. Foi a D. Catharina, pode dizer-se, que a casa de Bragança deveu passar a ser tão facilmente casa real.

Seu filho D. Theodosio é um vulto triste, completamente offuscado pela figura de sua mãe, mas seguindo-lhe pontualmente o exemplo e conservando-lhe as tradições. Tinha de fazer para isso sacrificios que custariam a um moço de outra indole, tinha de fugir da côrte, de se manter no seu isolamento de Villa-Viçosa; mas a sua indole adaptava-se admiravelmente ás exigencias da sua posição. Triste, religioso, folgava de se perder em longas meditações pela tapada de Villa-Viçosa, em se entregar ao embellezamento da sua casa, á organização principesca da sua capella. Vivia alli com intimo prazer; em Villa-Viçosa recebeu o grande poeta Lope de Vega, que empregou a sua musa na descripção da pomposa vivenda em que fôra recebido. Quando Philippe III veio a Portugal, D. Theodosio soube tão bem manter a altivez da sua situação, sem dar pretexto para que se dissesse que faltava á obrigação de prestar homenagem ao seu soberano, que nem o rei, nem os ministros encontraram meio de quebrar essa resistencia passiva, e de curvar a um nivel commum com o dos outros fidalgos a cabeça do duque de Bragança.

A descripção da entrada de D. Theodosio em Elvas, quando alli foi cumprimentar o rei de Hespanha e de Portugal é um dos quadros mais felizes do livro do sr. Ramos Coelho. Percebe-se o prestigio de que gosava a casa de Bragança, quando se vê a ovação entusiastica feita pelo povo a D. Theodosio, as honras com que todos o recebem e que Philippe III não se atreve a censurar ou a estranhar. A sua aparição nas côrtes tambem é curiosa e instructiva. O duque sabe distinguir-se sempre, ás vezes por umas coisas pequenas, uma simplicidade de trajó, que basta comtudo para destacar o duque de Bragança do resto da fidalguia; sente-se sempre que está alli um principe como que independente, e para o qual se voltam com amor e com respeito os olhos do povo, que nem um instante se demoram no rosto pallido e insignificante do neto de Carlos V.

Quando Philippe III veio a Portugal, já D. Catharina morrera. Nos ultimos tempos da sua vida, tivera ella ainda que lutar com a Hespanha por causa do casamento de seu filho. A côrte hespanhola oppunha-se a todos os casamentos com familias principescas, apesar de muitas d'ellas serem proximas parentas dos Braganças. Teve D. Catharina que ceder afinal, e casou seu filho com uma hespanhola, D. Anna de Velasco, filha do condestavel de Hespanha. Tambem sabia que podia contar com a sua propria força, com a influencia que saberia adquirir, e effectivamente assim foi.

D. Anna de Velasco entrou perfeitamente nas vistas da familia em que entrava. Se não pôde levantar as esperanças da casa de Bragança, porque não pertencia a familia principesca que as podesse apoiar, tambem não servio de instrumento ao governo hespanhol para abater as pretensões d'essa familia. Pelo contrario, partillhou-as, consubstanciou-se com ellas.

Não concorreria para isso pouco a influencia dominadora da velha duqueza, influencia que tambem se exerceu na educação dos filhos, D. João, D. Duarte e D. Alexandre.

Mas aqui dá-se um reviramento, que era bem natural e bem de prevêr. D. João não partilhava as idéas de seu pai. Surprehende-nos isso um pouco da parte de um homem que veio a ser D. João IV rei de Portugal, mas os factos assim o affirmam, e era afinal de contas natural que assim fosse.

O duque D. Theodosio acceitára completamente, cegamente o ponto de vista de sua mãe, que tambem era um pouco o seu proprio, porque elle nascera quando Portugal ainda era independente, e no Portugal independente lha correu a infancia. Nunca podia resignar-se a acceitar a situação que os aconteci-

infancia vira sempre soldados hespanhoes no reino, e ouvira sempre que de Madrid é que vinham as ordens soberanas. A sua educação fôra tambem mais afinada pelo tom do tempo, e esse protesto rigido, inquebrantavel contra os factos consummados, protesto que o ia obrigar a passar a sua vida em Villa-Viçosa, sem conhecer os esplendores da côrte do soberano, sem conhecer os prazeres das grandes capitaes, sem ter ao mesmo tempo influencia e poder verdadeiro e positivo, visto que era da opposição, inclinou-o para uma approximação com a Hespanha. D'ali a colera de D. Theodosio, e uma lucta surda entre o pai e o filho. N'essa lucta, evidentemente D. Duarte tomou o partido de seu pai, não só porque sempre os filhos segundos se collocam em opposição com os principes herdeiros, mas porque o espirito aventureiro de D. Duarte era mais proprio para concebr esses ideaes cavalheirescos.

Está explicado até certo ponto o caminho seguido por D. Duarte; vamos vel-o em acção.

PINHEIRO CHAGAS.

A CONFISSÃO

(Guy de Maupassant)

Margarida de Thérèlles ia morrer. Bem que ella não contasse mais de cincoenta e seis annos, parecia ter setenta e cinco. Arquejava, mais pallida do que os lençoes, sacudida de terribes estremecimentos, a physionomia convulsivada, o olhar desvairado, como se entrevisse uma cousa horrivel.

Sua irmã mais velha, Suzana, ajoelhada á beira do leito, soluçava. Em uma mezinha, collocada á cabeceira da agonisante, ardiam duas velas, na expectativa do padre que viria dar a extrema uncção.

O quarto tinha esse aspecto sinistro que caracteriza as alcovas mortuarias. Frascos espalhados aqui e alli, roupas caidas pelos cantos, cadeiras em desordem, parecendo correrem assustadas em todas as direcções. A implacavel morte estava alli, occulta, e aguardava!

A historia das duas irmãs era enternecedora. Corria de boca em boca, e arrancára lagrimas a muitos olhos.

Suzana, a mais velha, amara apaixonadamente um homem, que a adorava. Fixara-se o dia do seu casamento; de repente, Henrique de Campierre morreu. O desespero da maigrada noiva foi espantoso; jurou não tornar a casar-se. Cumpriu a sua palavra e adoptou para sempre o luto de viuva.

Então, sua irmã, a sua pequenina irmã Margarida, que contava apenas doze annos, veio uma manhã deitar-se nos braços de Suzana, e disse-lhe: «Irmã, não quero que soffras. Não quero que chores toda a vida. Não te deixarei nunca, nunca, nunca! Pela minha parte, não me casarei. Ficarei sempre na tua companhia.»

Suzana beijou-a, commovida com a dedicação da criança.

A pequenita cumpriu a sua palavra; a despeito das sollicitações da familia, não quiz casar. Era bonita; recusou varios partidos e nunca mais se separou de sua irmã.

Viveram juntas e inseparavelmente unidas. Margarida mostrava-se sempre triste, como se o seu sublime sacrificio a houvesse despedaçado. Envelheceu mais depressa, aos trinta annos, embranqueceu-lhe a cabeça; doente quasi sempre, parecia devorada por um mal desconhecido. E agora ia morrer.

Não fallava havia vinte e quatro horas. Só dissera, ao romper da manhã:

—Mandem chamar um padre, chegou o momento.

Em seguida, deitou-se de costas, ferida pelos eapasmos, os labios agitados, como se palavras terribes subissem do seu coração, sem poderem sair, o olhar desvairado.

Sua irmã, doida de dôr, chorava, com a cabeça encostada ao leito, e repetia:

rou os labios, balbuciou duas ou tres palavras, e poz-se a raspar com as unhas como se quizesse abrir uma cova.

O abbade Simão approximou-se, pegou-lhe na mão, beijou-a na testa, e com voz unctuosa, murmurou:

— Deus lhe perdoe, minha filha; tenha coragem, falle.

Então, Margarida, agitada por uma convulsão, balbuciou:

— Assenta-te, irmã, e ouve.

O padre curvou-se para Suzana, sempre abatida aos pés do leito, ergueu-a, collocou-a em um fauteuil, e, estreitando as mãos das duas irmãs, pronunciou:

— Senhor, meu Deus! dai-lhes forças, amparai-as com a vossa misericordia.

Margarida principiou a fallar. As palavras desprendiam-se-lhe da garganta, uma a uma, roucas, estertoradas, extenuadas.

— Perdão, perdão, irmã, perdoa-me! Oh! se tu soubesses como me aterrou toda a minha vida este momento!...

Suzana balbuciou, em lagrimas:

— Que hei de perdoar-te, filha? Deste-me tudo, sacrificaste-me tudo; és um anjo...

Margarida interrompeu a:

— Cala-te, cala-te! Deixa-me dizer... não me interrompas... É medonhinho... deixa-me dizer tudo... até ao fim... Ouve... Recordas-te... Henrique...

Suzana estremeceu e olhou para sua irmã.

Margarida proseguiu:

— É preciso que ouças tudo para comprehenderes. Eu tinha doze annos, só doze annos, lembra-te bem, não é verdade? Era amimada, fazia tudo o que queria!... Escuta... A primeira vez que o vi, apeou-se do cavallo á porta do pateo, vinha trazer uma noticia ao papá. Lembra-te, não é verdade?... Não digas nada... Ouve. Quando o vi, fiquei impressionada, tão bonito me pareceu, e conservei-me de pé, em um canto da sala, todo o tempo que elle fallou. As creanças são singulares... e terribes... Oh! sim... sonhei... Elle voltou... muitas vezes... via-o com toda a minha alma... Não pensava senão n'elle... Pronunciava em voz baixa: — Henrique. Henrique de Campierre!

«Depois, disseram que elle ia casar contigo. Foi uma dôr... Oh! minha irmã... uma dôr! Chorei tres noites, sem dormir. Elle vinha todos os dias, depois do almoço... recordas-te, não é verdade? Não digas nada... ouve. Tu fazias-lhe bolos, de que elle gostava... com farinha, manteiga e leite. Elle comia-os, bebia um copo de vinho... e dizia: «Delicioso.» Lembra-te como elle dizia isto?

«Eu, tinha ciumes!... O dia do teu casamento approximava-se. Faltavam apenas quinze dias. Estava como doida. Dizia a mim mesma: Não casará com Suzana, não, não quero!... Hei-de ser eu a sua noiva... Uma noite, passeiavas com elle ao luar... ao fundo da avenida, debaixo dos pinheiros... elle beijou-te... enlaçou te nos braços... por muito tempo... Recordas-te, não é assim? Era decerto a primeira vez... sim... Tu estavas muito pallida, ao regressar á sala! Vi ambos; escondera-me no arvoredor. Tremia, de raiva! Se pudesse, tel-os-ia morto! Disse: Não casará com Suzana, nunca! Não casará com ninguem. Eu padeceria muito... E de repente, comeci a odial-o.

«Então, sabes o que fiz?... ouve. Tinha visto o jardineiro preparar os bolos para matar os cães vadios: Elle pizava uma garrafa com uma pedra e introduzia o vidro moído em uma bola de carne.

«Tirei do quarto da mamã uma garrafa de remedio, parti-a com um martello, e escondi o vidro na algibeira. Era um pó brilhante... No dia immediato, logo que acabaste de fazer os bolos, abri-os com uma faca e deitei-lhe o vidro... Elle comeu tres... eu comi um... Deitei os seis restantes no tanque... os dois cisnes morreram tres dias depois... Lembra-te? Oh! não me interrompas... ouve, ouve... Só eu não morri... mas fiquei para sempre doente... ouve... Elle morreu... bem sabes... e o mais terrivel foi o que se seguiu.

«Toda a minha vida, uma tortura! Prometti a mim mesmo: Não deixarei mais a minha irmã. Dir-lhe-hei tudo, á hora da morte. E pensava sem cessar no momento em que te diria tudo... Eil-o que chegou... É terrivel... Oh! minha irmã!...

teu perdão. Oh! diga-lhe que me perdoe, sr. abbade, diga-lhe... supplico-lhe. Não posso morrer sem isso.

Margarida emmudeceu, e quedou-se offegante, rasgando sempre o lençol com as unhas crispadas...

Suzana escondera a cara nas mãos e não se mexia.

Pensava n'elle, que poderia ter amado por tanto tempo! Que boa existencia teriam gosado! Revia-o no longiquo passado, para sempre extinto. Mortos queridos! como elles vos dilaceraram o coração! Oh! esse beijo, o seu unico beijo! Ella guardara-o na alma. E depois, mais nada em toda a sua vida!...

O padre levantou-se de subito, e com voz forte e vibrante, gritou:

—Suzana, sua irmã vai morrer!

Então, Suzana, afastando as mãos, mostrou o rosto banhado em lagrimas, e precipitando-se para sua irmã, beijou-a com todas as forças, balbuciando:

—Perdoo-te, perdoo te, Margarida!...

GIOMAR TORREZÃO.

UM TORRÃO DE ASSUCAR

Tenho 32 annos; soffrivel apresentação; intelligencia vulgar; physionomia que não repugna ás mulheres; labios que teem mentido muitas vezes; olhos que nunca se enganam; bom nome, uma fortuna modesta e aspirações longe de se realisarem.

Não dependo de ninguem; não conto com pessoa alguma e não espero coisa alguma de outrem.

Sou sósinho e desejo, ou para melhor dizer, tenho urgencia de casar.

A minha fortuna não deslumbra as mulheres especuladoras, mas nem eu mesmo sou tão tolo que me deixe cahir na esparrella. Escolherei, portanto, uma rapariga modesta e de juizo — caso raro nos tempos que vão correndo — e honesta, virtuosa — o que não é menos raro. — E como não poderei continuar a viver em Paris, prego commigo na Provença, minha patria amada, a ver pullularem-me os fi hos na razão directa das ceáras que tenciono colher.

E a casar-me, é quanto antes, que é o melhor, visto ser esse o desenlace...

Taes eram as reflexões mais ou menos philosophicas que fazia, á janella do primeiro andar da sua casa na rua de Vaugirard, o bacharel Alfredo de Verseuil, embrulhado no chambre e fumando um bom charuto.

Dito isto, Alfredo de Verseuil aventou desdenhosamente a ponta do seu charuto, que foi parar ao chapeu de um amanuense da seecretaria da Fazenda, que passava n'essa occasião; conchegou o chambre cantarolando uma aria; escarrrou para cima de um moço de padeiro; fechou a janella com um estrondo capaz de accordar o bairro inteiro, e dirigiu-se, radiante de inspiração, para um movel de acajú, que lhe servia de secretária e bibliotheca ao mesmo tempo.

Acto continuo, pegou delicadamente n'um grande torrão de assucar em pedra, deitou-o n'um enorme copo de crystal e verteu sobre elle meia garrafa de agua.

«Antes d'este torrão de assucar se dissolver completamente, disse elle, devo ter encontrado mulher. Posto isto, toca a vestir.»

Alfredo de Verseuil era um excellente moço, e não só isso: possuia tambem espirito e talento, qualidades nada triviaes n'este seculo de advogados. Era dotado d'esta franqueza rasgada, de caracter, que faz com que o vulgo tome por imbecis homens de verdadeiro merecimento; mas para o observador fino e esclarecido, esses desvios, essa originalidade um pouco excentrica, fóra da orbita da vida uniforme da maior parte da sociedade, são caracteristicos da superioridade que galga por sobre as conveniencias e costumes ridiculos para chegar aos seus fins. Um original, n'uma palavra.

Quando Alfredo concluiu a sua toilette, batiam dez horas na

esposa... legitima.

No predio em que de Verseuil habitava, moravam trez raparigas, qual d'ellas mais gentil.

Duas, não tinham, que constasse, outro officio, senão o serem mulheres bonitas.

A terceira, reunia a uma phisionomia ingenua e insinuante, a profissão não menos interessante de... florista. Uma Genoveva de George Sand sem tirar nem pôr. Verseuil havia já travado conhecimento com todas tres: com a primeira, por ter dançado com ella dezaseis contradanças a fio n'um baile particular; com a segunda, por lhe ter restituído (entenda-o a leitora como lhe aprouver) por lhe ter restituído uma liga que lhe cahira na escada; com a terceira, enfim, por lhe haver offerecido, uma occasião, duas formosas camelias.

Com estes precedentes, pode se ir muito longe...

Verseuil começou a sua excursão conjugal dirigindo-se á primeira das tres. Entrou desafogadamente por casa de Alexandrina Obban, natural de Belcourt. Sabia-se que Alexandrina já fizera os trinta, mas accusava apenas vinte e tres; cabello negro, olhos negros, um narisinho, uma boquinha, mãos pequeninas e pés pequeninos. Era viuva, mas não se sabia bem de quem; as más linguas diziam que *de muita gente*.

Alexandrina offereceu uma cadeira a Alfredo de Verseuil, que não accéitou, agradecendo attentiosamente.

A viuva lançou sobre Alfredo uns olhares que pareciam punhaes; elle, porém, não ficou ferido com os taes punhaes e passou a exprimir-se nos seguintes termos:

—Interessantissima visinha; (e n'isto fixou o olhar n'um retrato de Sesostris, que ella tinha, pendurado na parede, talvez para representar o coronel Obban... (provavelmente o seu primeiro amante, Deus me perdõe!)

—Minha interessante visinha: como tenho por habito caminhar depressa nos meus negocios, venho annunciar-lhe simplesmente que acabo, ha vinte minutos, de conceber o heroico projecto de me prender nos doces laços do hymeneu e que me lembrei da visinha como a unica mulher capaz de me fazer feliz; e fixou pudicamente os olhos no chão.

Concedo-lhe, minha senhora, cinco minutos para reflectir sobre a proposta que tive a honra de submeter á sua apreciação, continuou Alfredo, fixando novamente os olhos sobre o Sesostris; e como não quero de modo algum influir na sua decisão, vou esperar a resposta para o meu gabinete.

Madame Alexandrina d'Obban—natural de Belcourt—corou com todas as forças do seu virginal pudor, ao cabo d'esta declaração, e esteve és não és para cahir sem sentidos com a surpresa, mas não cahiu; limitou-se, e respondeu com uma nobre altivez.

Uma proposta d'essa natureza, feita por um homem experiente do mundo, é tão impertinente como ridicula. Se não fóra sermos já conhecidos—alludia ás dezeseis contradanças—verme-hia na necessidade de o expulsar de minha casa como um lacaio que me houvesse insultado. Fazendo, porém, a devida justiça aos seus sentimentos, saiba em todo o caso que as mulheres como *eu*—e accentuou a palavra—não dão o seu coração e a sua mão ao primeiro sujeito que se lembra de lhe ir bater á porta. Não deve ignorar tão pouco que não é facil corromper as mulheres que, como *eu*, teem a honra de usar um nome respeitavel e respeitado e depois de ter guardado durante quinze annos de casada uma fidelidade inviolavel a meu marido. Deve suppor que...

Alfredo de Verseuil cortou bruscamente o fio d'este panegyrico conjugal, que ameaçava ser eterno:

—Como tive a honra de dizer-lhe, observou, abrindo a porta e fazendo uma profunda cortezia, espero a sua resposta dentro de cinco minutos. E fechou a porta na cara da viuva, que atirou comsigo, indignada, para cima de um sophá, amaldiçoando a falta de respeito que os rapazes de hoje professam pelas donas que souberam guardar durante dezeseis longos annos uma fidelidade inconcussa a seus esposos.

Quando Alfredo voltou para casa, a quarta parte do torrão de assucar tinha desaparecido.

A's dez e cinco, precisamente, não obtendo resposta, dirigiu-se á visinha numero dois. Era esta uma viuva authentica. Chamava-se Deolinda — Priscillia — Isabel — Celina — Eugenia de Montonval, viuva de Arcadio de Montonval, em outro tempo prefeito dos Pyreneus e deputado ás côrtes.

Deolinda, fosse qual fosse a sua idade, era uma galante mu-

Como Deolinda não estivesse disposta a apresentar-se...



AGOSTINHO FEVEREIRO



D. ANTONIO DE NORONHA



(A. F. DE NORONHA)

olhares profanos n'uma *toilette* mais que desalinhada, estabeleceu-se entre os dois, pelo buraco da fechadura, o seguinte dialogo:

— Quem é?

— Um seu creado. Sou eu, minha sr.^a, o seu visinho Alfredo de Verseuil que, precisa dar-lhe duas palavras sobre um negocio urgente.

— O que quererá o senhor a esta hora?

— Pelo menos, faça-me o favor de esperar que eu me acabe de arranjar; sim, porque... no estado em que estou, não era possível... não podia abrir antes que quizesse... n'esta figura não podia ser...

Alfredo (*atrevidamente*):

— O visinho que achou a sua liga; não se lembra, minha querida visinha?... Se bem me ricordo era a da perna direita.

— Sim, talvez! Bem vê... todas nós estamos sujeitas a cair-nos uma liga... em todo o caso não pode entrar. Mas se é coisa de pressa, falle, que eu oiço.

— Que remedio!

E começou a gritar-lhe atravez da fechadura exactamente a formula precedente, sem lhe alterar uma virgula.

— E' que... resolvi casar-me e lancei as minhas vistas sobre a minha gentil visinha, como a unica mulher capaz de me fazer feliz. Dou-lhe cinco minutos para reflectir e vou esperar a resposta para o meu quarto.

E deixando o posto, voltou a repetir:

— Não lhe restam já senão tres minutos e meio para se decidir. Eu cá vou para o meu quarto esperar a resposta... Ouviu, minha incondescendente visinha?...

— Decididamente é maluco, pensou Deolinda acabando de vestir-se. Viu-se lá um original assim!... Vir-me incommodar a esta hora para me fazer uma proposta d'aquellas!...

Em todo o caso não é para engeitar, e heide reflectir sobre ella: mas tenciono fazel-o esperar oito dias, que é para o ensinar a ser mais respeitoso e delicado para a outra vez. E começou a... mas liquemos aqui, por decencia.

A's dez e dez minutos, de Verseuil poz se a caminho da sua terceira proposta, dizendo consigo: Se não pega d'esta, fico solteiro, o que não era nenhuma asneira.

Vamos á terceira. E' a menina Anaïs. Mas Anaïs quem? Anaïs de quem?... Anaïs e mais nada! Demais! as mulheres bonitas precisam lá de appellido de familia!...

A florista não se fez rogada; foi abrir immediatamente.

Anaïs tinha, com respeito ao amor, umas theorias exaggeradas, mas não resolvera, para as pôr em pratica, o *sine qua non* da intervenção da igreja. Além d'isso, as camelias tinham sido um atalho para chegar ao seu coração.

A' proposta de Alfredo, sempre do mesmo theor, e s o que respondeu a interessante rapariga.

— Eu amo-o desde o dia em que me offereceu aquellas camelias; acompanhal-o-hei, pois, como sua esposa, para toda a parte. Eu não tenho um *sou* de meu; o senhor, segundo creio, também não é rico; em todo o caso, cá nos havemos de arranjar.

Alfredo de Verseuil, a esta resposta tão franca, inclinou-se para abraçar a rapariga.

Uma gargalhada, que n'esse momento estalou á porta meia aberta, desconcertou os dois noivos.

Alberto de Mincourt, estudante e intimo amigo de Alfredo, acaba de penetrar de chofre em casa da florista.

— Não é rico? ora essa! exclamou elle. Quem diz ahí que o meu amigo, o conde Alfredo de Verseuil, não é rico?

Saberás que teu tio Luciano já lá vae! morreu! e por conseguinte, estás herdeiro de oito centos mil francos e do titulo de conde; não percebes?... oito centos mil francos, homem!...

E desatou n'uma algazarra que os inquilinos accidiram todos á escada.

— Pois n'esse caso, faze os teus cumprimentos á sr.^a condessa Anaïs de Verseuil.

— Etu, continuou o conde para Anaïs, visto amares-me quando era pobre, não deixarás de amar-me agora que sou rico. E para festejar a fortuna que me cabiu de trambullhão, tenho a honra de os convidar para o *copo de agua*... com assucar. E pozeram-se a caminho para o quarto de Alfredo.

Quando lá chegaram, a pendula marcava dez horas e um quarto e o torrão de assucar havia-se dissolvido. Sobre a secretaria do recente conde estavam as bilhetas das duas vizinhas

Deolinda, não sei se despeitada, está hoje no convento das carmelitas, com o cognome de irmã Ursula do Amor Divino.

Alexandrina deixou-se raptar por um actor ambulante, com o qual explora a provincia.

Alfredo de Verseuil foi passar a luade mel nas suas propriedades e acaba de ser nomeado conselheiro do tribunal de Aix. Anaïs, cada vez mais formosa, prepara pelas suas mãosinhas todas as manhãs, para o sr. conselheiro, um copo de agua assucarada.

— Foi a um copo de agua com assucar, repete ella, que devo a minha felicidade: ao que Alfredo responde sempre com um beijo...

(Trad.)

VIDIGAL SALGADO.

LENDAS DOS VEGETAES

A lenda da rosa musgo

O louro anjo Sible tinha sido mandado por Deus mitigar o soffrimento d'uma pobre noiva, cujo bem amado morrera na guerra defendendo o solo sagrado da patria.

Era Sible o anjo mais gentil de todos quantos formam a immensa legião que Deus commanda e o favorito querido do Senhor.

Contente com o encargo que lhe fôra dado, Sible bateu as azitas da mais fina plumagem e dirigiu-se para a cabana perdida no meio do bosque, onde morava a desditosa Amel, que, chorando desesperadamente, lastimava a solidão e o abandono em que ficava depois de ter achitectado tantos e tão risonhos projectos de felicidade.

Sible entrou na cabana no momento mesmo em que a desditosa rapariga, allucinada pela dôr, procurava pôr termo á existencia, e começou, para a consolar, a pintar-lhe com tão brilhantes côres a morte gloriosa do noivo, o logar distincto que elle ia occupar no meio dos ceus, esperando que ella se lhe fosse juntar para se realizar o eterno e venturoso enlace patrocinado por Deus, que o desespero da rapariga abrandou como por encanto, e um sorriso, raio de sol após temporal desfeito, fugitivamente se lhe esboçou no rosto amargurado. Mas para que Amel merecesse uma felicidade tão extraordinaria, felicidade não sonhada por mortal algum, era preciso, indicou-lhe o anjo, que esquecesse a dôr, mitigando o soffrimento alheio, indo em santa romagem do bem para a cabeceira dos doentes, dos pobres doentes desamparados de carinhos e de familia, e para junto das creancinhas que a guerra fizera orphãs, esperar que Deus a chamasse a si, dando-lhe a companhia eterna do bem amado. Sible empregou o dia todo na sua divina tarefa, e quando a noute começou a estender o escuro veu sobre a terra, contente por se ter satisfactoriamente desempenhado do encargo que lhe fôra imposto, despediu-se da donzella e quiz tomar o caminho do ceu. Mas com o cahir da noute estendera-se sobre o bosque um espesso nevoeiro humido, que desnorteou Sible, e molhando-lhe as pennas das azas o impossibilitou de voar. O anjo, vendo que lhe era impossivel alcançar o ceu, tratou de procurar um retiro agradavel e seguro onde podesse socegradamente esperar a manhã. Junto de uma parede meio desmoronada, vicejava uma pujantissima roseira engrinaldada de formosissimas rosas brancas rescendendo os mais puros e divinos aromas. Mais encantador abrigo, melhor docel não era possivel encontrar em todo o bosque.

Sible foi á parede apanhar um montão de fôfo musgo e com elle fez sob a roseira um leito confortavel, onde, depois, envolvendo-se nas alvas azas de armilhas, se deitou, disposto a esperar, velando, que chegasse a madrugada. Porém o aroma que as rosas emitiam era tão embriagador, e o vento, passando



A PRINCEZA LUIZA DE SALLES E O DUQUE DE FIFE

sonhos tão deliciosos que, quando pela manhã o despertaram os primeiros raios do sol, beijou reconhecido as rosas, e estas, cõrando de alegria e pejo, ficaram para sempre rubras. Mas o anjo considerou o beijo bem fraco recompensa para quem tão agradavelmente o emballára toda a noite, e queria, antes de regressar ao ceu, dar-lhe recompensa maior. Porém como tornar mais bellas as rosas em que tudo, forma, colorido e perfume tão distinctamente brilhavam? Esteve um momento pensativo, e depois, apanhando um pouco do musgo que lhe servira de leito, resguardou cuidadosamente com elle os botões das flores prestes a desabrochar, para que o frio, a chuva e os insectos lhes não causassem damno algum. E em seguida, batendo as azas, voou para o ceu a dar conta a Deus da missão de que fõra encarregado. E foi desde então que na terra começou a haver rosas musgo...

II

A lenda do carvalho

Hercules, o lendario gigante invencivel, regressando um dia de praticar uma d'aquellas extraordinarias façanhas que para sempre o tornaram memoravel, deitou-se em pleno campo, para dormir a sesta. Antes, porém, de se confiar aos braços de Morphieu, no sólo, junto a si, na previsão de qualquer repentino e inesperado ataque, espetou a pesada mága, mais forte que o ferro, e com que esmagava tudo quanto lhe oppunha obstaculo aos seus designos. Dormiu o bom do gigante muito tempo, e quando acordou era quasi noite; procurou logo a arma predilecta, e com assombro viu em lugar d'ella uma pujante e formosissima arvore! A mága, ao contacto do sólo, enraizára, desenvolvera tronco, lançára ramos, folhas e fructo. Hercules, furioso, arrancou o vegetal, e quebrando-lhe os ramos, fez do tronco uma nova e formidavel clava, mais sólida e forte que a que antes possuira. Porém, dos fructos esparsos pelo sólo, nasceram ao depois novas arvores identicas, que para sempre ficaram sendo o emblema da força e do vigor.

Estas arvores são os carvalhos.

III

A lenda do chá

Dakkar era um ardente devoto de Siva, a cruel deusa indiana que só gosta de morticinio e de sangue, e que recebe as adorações mais submissas, profundas e completas d'uma legião de crentes que habitam os mysteriosos recessos das florestas da India, d'essa terra das lendas e das maravilhas.

Havia annos que vivia n'uma gruta, em adoração; de estar sempre de joelhos, creára calosidades que lhe não permittiam endireitar as pernas, e as unhas dos dedos das mãos, que conservava fechadas havia annos, tinham rompido os tecidos e appareciam do lado opposto. Não havia martyrio a que se não sujeitasse, e as populações fanaticas consideravam-o santo, e vinham de longe render-lhe homenagem e pedir-lhe conselhos.

Só uma nuvem negra, um pesar profundo perturbava o misticismo de Dakkar. Sofria sem custo o frio, a fome, a sede, as mais incommodas posições, dominando á vontade o organismo; só não podéra ainda vencer o somno!

Debalde se esforçava por resistir, debalde fazia despejar sobre si quantidades enormes de agua fria, debalde se sujeitava á applicação do ferro em brasa, ou fazia vibrar o tam-tam junto dos ouvidos. O somno, como mais forte, subjugava-lhe a vontade e obrigava-o a dormir.

No seu desespero chegou a fazer cortar as palpebras, cuidando que assim esparcaria para longe o somno, mas a tortura foi baldada. Os olhos permaneciam abertos, mas Dakkar dormia!

Uma tarde—havia dias que estava sem comer—orava o fakir fervorosamente, pedindo a Siva que se amerceasse d'elle e lhe permitisse, antes de morrer, a ultima e suprema felicidade de poder vencer o somno, quando começou a sentir-se muito

mas não havia mal. Fõra, ao redor da gente, vegetavam variados arbustos, e a alimentação de tantos animaes, tambem havia de convir ao homem. Seria mais um sacrificio... E Dakkar, arrastando-se com difficuldade, quasi vencido pela necessidade de dormir, chegou até junto d'um vegetal e começou a devorar-lhe as folhas.

Mas, caso milagroso, á medida que ingeria as folhas do vegetal, o somno desaparecia e o fakir sentia-se mais forte, fresco e vigoroso. Obrigado; oh Siva, exclamou elle, agora posso morrer, pois morro feliz, visto que graças a ti alcancei dominar o que até hoje zombára dos meus esforços. Venci o somno!

Começou desde então a fazer colher pelos seus adeptos folhas e folhas do vegetal, que deitava de infusão, e quando o somno fazia sentir os seus primeiros rebates, bebia da agua milagrosa e elle desaparecia logo. O arbusto descoberto pelo fanatico fakir indiano, o vegetal dissipador do somno, foi o chá.

IV

A lenda da papoula

N'aquelles bons tempos em que os deuses desciam á terra a confraternisar com os humanos, vivia nos Alpes um rapaz, filho de gente pobre, mas que pelo carinhoso desvelo com que sabia velar á cabeceira dos doentas, era querido e estimado por todos. Tinha a grande e apreciavel arte de, por meio de doces cantares, saber adormecer aquelles que eram apoquentados pelas mais terriveis e rebeldes insomnias, de modo que lhe não deixavam um momento só de descanso. Em qualquer adoecendo, a familia ia logo ter com o pobre papaz, que, não podendo resistir ás supplicas, lá se installava junto dos doentes, emballando-os com as suaves melodias que chamam o somno e que elle sabia como ninguem. Mas não podendo resistir a tão excessivas e continuadas fadigas e vigílias, foi pouco a pouco enfraquecendo, até que um dia se extinguiu ao cair da tarde, quando o sol morria no extremo horizonte...

Então os deuses, para premiarem as boas acções do que morrera praticando o bem, tornaram-o immortal, transformando-o n'uma planta, na papoula, a quem deram a principal virtude pela qual os doentes o desejavam sempre junto de si, a de fazer esquecer o soffrimento por meio do somno.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS**O GENERAL JOSÉ MARIA LOBO D'AVILA**

O conselheiro José Maria Lobo d'Avila, irmão do sr. conde de Valbom, é um dos mortos illustres dos ultimos dias, por isso damos hoje o seu retrato n'este semanario d'actualidades.

O fallecido general assentára praça em 9 d'agosto de 1833, na arma de infantaria, contando então 16 annos de idade.

A sua promoção a alferes foi em 1835, seguindo os postos até ao de general de brigada, que lhe foi conferido em 1883.

Como se vê, o general Lobo d'Avila atravessou, na carreira militar, o largo periodo do inicio da liberdade portugueza, servindo umas vezes na sua arma e outras em diversas commissões.

Em tempo, teve a seu cargo o governo da provincia de Macau e Timor.

A politica não o poupou e teve por causa d'ella luctas e dissabores.

Era condecorado com as commendas da Legião de Honra, S. Bento d'Avis e Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e tinha as medalhas de ouro de bons serviços e de prata de comportamento exemplar.

dias falleceu na sua casa de Castello Branco, victima de antigas e cruciantes enfermidades, era um dos mais ricos proprietarios d'aquella cidade e do districto; formara-se em direito na Universidade de Coimbra, tinha a commenda de Christo e a carta de conselho; fôra por muitas legislaturas successivas representante dos circulos do Fundão e de Niza, e na ultima situação regeneradora representára na camara alta o districto de Portalegre.

Era um character respeitabilissimo, um partidario de fé inquebrantavel, um amigo dedicado até aos ultimos extremos, e todas estas qualidades o cercavam de amizade, consideração e respeito.

D. ANTONIO DE NORONHA

D. Antonio Maria de Noronha, o bemquisto commissario da 3.^a divisão policial, ha pouco fallecido, era um character extremamente recto, honrado e franco.

Da sua vida honestissima damos as seguintes notas:

Encetou a carreira publica sendo nomeado aspirante da alfandega do consumo. Passou depois á vida administrativa, exercendo com intelligencia e zelo o cargo de administrador em varios concellos. Seguidamente, foi nomeado commissario da 2.^a divisão policial de Lisboa, sendo mais tarde transferido para a 3.^a.

Estes espinhosos cargos, desempenhou-os sempre D. Antonio de Noronha com um tacto incedivel, sabendo conciliar o rigor que elles exigem com a cordura e a prudencia.

E' este o mais brilhante florão da sua corôa de funcionario zeloso e fiel. D. Antonio de Noronha venceu sempre todos os attritos que lhe appareciam como empregado policial, e que tantas vezes affectaram o seu espirito e o seu coração compassivo.

Dedicado até ao sacrificio, obsequioso para todos na promptidão com que satisfazia centenas de pedidos, não consta que houvesse praticado uma unica injustiça. Que o digam os seus subordinados, que viam n'elle não um superior, mas sim um amigo extremoso, prompto sempre a minorar as angustias dos que soffriam, a perdoar qualquer falta, e a valer com a sua protecção e com os seus escassos meios a qualquer lance afflictivo.

A PRINCEZA LUIZA DE GALLES E O DUQUE DE FIFE

Damos hoje aos nossos leitores os retratos d'estes dois personagens por muitos titulos illustres, cujo consorcio se realisou ha poucos dias, com extraordinaria pompa, em Londres.

A princeza Luiza Victoria Alexandra Dagmar, é a filha mais velha do principe de Galles. Nasceu a 20 de fevereiro de 1867. e tem, portanto, 22 annos. E' formosa, e muito intelligente e instruida.

O noivo, lord Fife, hoje marquez de Mac-Duff e duque de Fife, é par de reino e um dos mais ricos proprietarios da Escocçia, onde possui 100:000 hectares de terras, que lhe rendem annualmente cerca de dois milhões de francos.

Descende em linha recta do famoso Mac-Duff, que matou o rei Macbeth.

Tem 40 annos e é um homem muito distincto e illustrado, o que, de certo, captivou mais a neta da rainha Victoria, que uma corôa de principe.

O CARTEIRO ANTONIO MARCELLINO CHAVES E AS SUAS DUAS MULHERES

Não será pois sem interesse que os nossos leitores hão de acolher os retratos que hoje damos do carteiro Chaves e das suas duas mulheres, bem como algumas notas que podemos colher acerca da vida d'estes personagens.

O carteiro Antonio Marcellino Chaves é natural da freguezia de S. Thiago, d'Almada.

Veio muito novo para Lisboa, e aqui ficou fazendo vida até hoje, sendo bairrista de Santa Izabel.

Conseguindo empregar-se n'uma fabrica d'oleados da travessa de Santa Quiteria, ali se conservou durante alguns annos sendo irreprehensivel o seu comportamento, alcançando a estima do seu patrão e dos seus companheiros.

Trabalhava, cremos, n'essa fabrica, quando casou com Luiza da Purificação Chaves.

Depois alistou-se no exercito e fez parte da banda de infantaria n.º 2.

Chaves, que nada tinha de mandrião, diligenciava haver os meios de arranjar a vida, sem graves faltas. A sua nova carreira, portanto, não o fez esquecer do seu antigo mister. Nas horas vagas do serviço militar ia trabalhar na fabrica.

Quando acabou o tempo da sua praça, foi ainda ali que continuou ganhando a vida. Mais tarde, enfim, alcançou o logar de carteiro, no qual cumpria com zelo as suas obrigações.

Como se vê, é simples a biographia de Antonio Marcellino Chaves. A não ser a tonteria que praticou agora de querer casar com Maria Joaquina Marques, quando já se havia ligado á face da egreja a Luiza da Purificação, ainda viva e de muito boa saude, o nosso heroe continuaria tão indifferentemente para quem o visse ou d'elle ouvisse fallar, como qualquer outro sujeito nas suas condições humildes.

Não tem explicação o arrojo do Chaves.

Viver com a mulher legitima, a quem não abandonára, sustentando-a e aos filhos, e abalançar se a um passo d'aquelles, é caso para supormos que não tem o juizo todo.

LUIZA DA PURIFICAÇÃO CHAVES

(A primeira mulher)

Luiza da Purificação, a primeira, a legitima mulher do carteiro Chaves, nasceu em Belem e conta 32 annos de idade.

Alguns dias depois do seu nascimento, deu entrada na Misericordia, mas pouco tempo ali esteve. Os paes condoeram-se d'ella e foram buscal-a.

Tinha apenas 17 annos quando começou a namorar Antonio Marcellino Chaves. Aos 19 annos, casava com o escolhido do seu coração, passando-se annos de uma felicidade relativa aos ganhos do chefe de familia. Vieram uns filhinhos sobrecarregar os meios de vida; mas tudo bem governado chegava para se passar sem fome e com a camisa lavada.

Um dia, entrou-lhes a desgraça pela porta dentro. Foi ha quatro annos. O Chaves começára o namoro com Maria Joaquina Marques; não podia pois dispensar á sua familia os mesmos cuidados, o mesmo zelo que lhe dispensára d'antes. Não tratava mal a mulher e os filhos, de palavras ou acções; mas não tinha para elles o mesmo carinho, nem provavelmente o mesmo dinheiro.

Luiza da Purificação assevera que Maria Joaquina era sabedora de que o Chaves era casado. E sabia-o não só por que mandára tirar informações e as obtivera completas, mas tambem porque uma vizinha de Luiza escrevera uma carta para casa de Joaquina Marques, informando esta da verdade.

A accusada nega tudo isto, mas de nada lhe servirá a negativa, se acaso tem culpa no cartorio, porque a justiça decerto esclarecerá o assumpto.

MARIA JOAQUINA MARQUES

(A segunda mulher)

É a segunda mulher que o carteiro Chaves escolheu para



O CARTEIRO ANTONIO MARCELLINO CHAVES



LUIZA DA PURIF.ÇÃO CHAVES
(A primeira mulher)



MARIA JOQUINA MARQUES
(A segunda mulher)

Maria Joaquina Marques tem 29 annos de idade, e é natural de Baixinhos, a duas leguas e meia das Caldas da Rainha.

Encerra-se n'isto a sua biographia: Veio aos 21 annos para Lisboa e accommodou-se na casa da sr.^a condessa de Farrobo, em Bemfica. Esteve alli um anno, e voltou para a terra.

Gostára de Lisboa e já não podia aturar a sua aldeia. Decorrido pouco tempo, eil-a de novo na capital, accomodando-se d'esta vez em casa d'uma familia ingleza.

Depois de segunda visita á terra, foi parar a casa do sr. dr. Alfredo de Carvalho. Foi ali, cremos, que começou o namoro de novo com o Chaves, um namoro de 4 annos, e um namoro para bons fins, como ella diz. Finalmente foi d'ali que partiu para a egreja, onde se consorciou com o carteiro.

TISZA

(Chefe do ministerio austro hungaro)

Tisza, o illustre chefe do gabinete austro-hungaro, é um homem já bastante avançado em idade, typo semitico, calvo. longas barbas brancas tratadas com pouco esmero, oculos de myope, toilette desleixada e despretenciosa, busto alquebrado e apparencia doentia.

Mas n'aquella fronte e n'aquelle olhar do velho estadista, adivinha-se a centelha do talento. N'aquella cabeça meia calva, com raras melenas compridas soltas ao vento, transparece uma intelligencia ainda vigorosa, que zomba dos annos.

Tisza é muito forte, apesar de velho. Entre os estadistas mais notaveis da Europa, occupa um logar proeminente e distincto, alcançado pelos seus dotes de homem politico habillissimo e pelo seu saber profundo.

Basta o facto de lhe ter sido confiada a direcção do governo d'uma grande potencia como é a Austria-Hungria, para aquilatar os seus meritos, sobejamente comprovados em mais d'uma questão politica séria e grave d'aquelle paiz.

TIBI

Quando se fita o mar, por noites claras,
temos uma illusão suave, estranha,
vendo as estrellas n'agua a mergulhar...
Assim tambem, se, acaso, em mim repáras,
todo o meu ser parece que se entranha
no oceano de luz do teu olhar -

ALVES CRESPO.

EM FAMILIA

CHARADAS

- Esta ave é ali do rio—2—1
- O homem tem esta hervia—1—1
- Este homem na musica faz barulho—1—1
- Penetra o generoso na povoação—2—1

Evora.

AMÉRICO V. VILHALVA..

Tem pennis este homem, sendo homem—2—2

- Animal x x x x
- Dão leite - x x x x
- Nos ourives - x x x x
- Nos animaes - x x x x

Braga.

A. VIEGAS.

LOGOGRIPO

(Retribuição ao sr. J. Augusto Correia)

N'una enorme confusão 1, 2, 1, 4, 5.
Deixa o povo se ella o mata. 1, 2, 5, 2.
Embora seja de prata. 3, 2, 4, 5.
Por tal pulsa o coração 1, 2, 3, 4.

Entes ha no mundo inteiro, 1 1, 2, 5, 4, 5, 5, 2.
Que á laia d'uma intrugisse, 1 1, 2, 5, 4, 5, 5, 2.
Nos dizem que lá em Nice, 1 3, 1, 5, 5, 2.
Um pintor a tem primeiro, 1 3, 1, 5, 5, 2.

E que é tida por bonita, 1 1, 4, 5, 5, 2.
Muitos affirmam e creio: 1 1, 4, 5, 5, 2.
Por mim não tenho receio, 1 1, 4, 1 1.
Em chamal-a pequenita, 1 1, 4, 1 1.

Pois quando parte contente, 2, 1, 2, 5, 2,
Na ligeira embarcação,
Sinto por ella a paixão
Propria só d'um innocente!

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

Decifrações

DAS CHARADAS :

O
A J O
A M A R A
O J A L A V A
O R A R A
A V A
A

Azoufa—Casanova—Pontapé—Donario.

DO LOGOGRIPO :

Estephania.

A' primeira charada, do sr. P. L. Perpetuo, faltou acrescentar o conceito, que é:

Na primeira d'esse grupo, os caracteres no proximo numero e decifração da referida charada.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA PULLIR O AÇO

Chloreto de ferro crystallizado.....	200	grammas
Chloreto de antimonio.....	200	»
Acido gallico.....	100	»

Humedece-se uma esponja, e passa-se esta sobre o objecto que se quer limpar.

A RIR

O visconde veste-se no seu quarto. De repente, a porta entreabre-se, e ouve-se a voz do cocheiro, dizendo com discrição:

—Onde queres ir passeiar esta tarde?

—Onde *queres* ir?! Com quem estás tu fallando, Bento?!...

—Ah! queira v. ex.* desculpar; julguei que fallava com a senhora...

—O sol de Andaluzia deve ser esplendido! dizia um sujeito do Norte da Europa a um sevilhano, com quem se encontrara em Paris.

—Oh, lindissimo! E tão forte que uma vez, indo uma noiva a pé para a egreja, no caminho foram-se expandido e desenvolvendo por tal sorte as flores da sua grinalda, que ao chegar ao templo, o que lhe ornava a fronte virginal era uma corôa de laranjas completamente maduras.

O carteiro vai dar as boas festas ao sr. Aniceto, um avarento dos quatros costados.

Este, depois de um momento de reflexão:

—Olhe, o que eu tencionava dar-lhe era tão pouco, que nem vale a pena!

COMEÇO D'UM REINADO

V

D'entre os principes indigitados pelo conde de Lavradio, no caso de poderem vir a ser esposos da rainha, foi escollido o de Carignan.

O duque de Palmella, em officio de 12 de julho de 1835, dizia ao conde de Lavradio:—«Sua Magestade a Rainha acaba de dar-me as suas expressas e positivas ordens para eu communicar a V. Ex.* que deve tratar do seu augusto consorcio com o principe de Carignan.»—No mesmo officio havia este *post-scriptum*:—«A ordem que tenho é escripta pelo proprio punho da Rainha para se concluir *imediatamente* o seu consorcio com o principe de Carignan.»

se referia ao principe de Carignan, dizia sempre não ter podido colher informações seguras a seu respeito e nem sequer podera encontrar em qualquer Almanach dos muitos que consultara, o seu nome, e portanto saber ao certo a sua idade. O conde de Lavradio julgou que era muito preferivel ao principe de Carignan o principe Fernando Augusto de Saxe Cobourg, filho do duque Fernando George Saxe Cobourg, e assim o communicou ao duque de Palmella em 22 de julho de 1835, e sem mesmo aguardar as ordens d'este e da rainha, deu-se pressa a entabolar a negociação do casamento com elle, o que fez com approvação do gabinete inglez, que desde logo se mostrou sympathisar em extremo com a escolha e decidido a fazer remover qualquer obstaculo que por acaso se levantasse. O duque de Palmella, em 2 d'agosto, de accordo com as ordens da rainha, confirmou o que Lavradio havia feito, ordenando-lhe que suspendesse a conclusão do ajuste com o principe de Carignan, no caso de se não achar comprometido de uma maneira positiva, e que procedesse a todas as diligencias que julgasse convenientes para effectuar o ajuste com o principe de Saxe Cobourg.

Tem-se dito que o malogro das negociações para o casamento com o principe de Carignan deu causa a um rompimento de relações entre Portugal e a Sardenha. Isto não é inteiramente verdadeiro.

O rompimento deu-se, é verdade, mas o motivo foi outro. O conde de Lavradio não só não chegou a tratar nada de definitivo com o principe ou com sua familia, mas parece até que este nem sequer teve conhecimento de que o desejavam para marido da rainha.

A Sardenha, do mesmo modo que quasi todos os paizes da Europa, mandou retirar de Portugal o seu agente diplomatico, quando em 1828 D. Miguel se fez acclamar rei. Restaurado o governo constitucional, por motivos que se ignoram, não restabeleceu a sua missão em Lisboa, mas nem por isso deixou de reconhecer, como com effeito reconheceu, a rainha D. Maria II como legitima soberana de Portugal. Na qualidade de encarregado de negocios de Portugal em Turim, esteve já, desde o reinado de D. João VI, o commendador Francisco José Rodrigues, e com elle tratou sempre o governo sardo. Como é sabido, foi na Italia que D. Miguel procurou asylo e bem assim muitos dos seus mais fieis partidarios, e para ali foi tambem parte da familia de D. Carlos de Hespanha. O encarregado dos negocios de Portugal, vigiava attento todos os passos d'estes personagens e de tudo informava o seu governo. Isto não agradou ao rei da Sardenha, e por este motivo ordenou ao seu ministro dos negocios estrangeiros que fizesse sahir de seus estados o commendador Rodrigues no praso de 24 horas, como com effeito sabiu, retirando-se para Genova, d'onde em 31 de julho o communicou ao duque de Palmella.

O ministerio procurou obter explicações do governo sardo, mas como lhe não fossem dadas, procedeu energicamente, dando como interrompidas com a Sardenha todas as relações, tanto politicas como commerciaes, suspendendo para isso o *Exequatur* a todos os agentes consulares d'aquelle paiz e fechando os portos aos seus navios. Estas providencias mereceram até o applauso da propria opposição.

Que o rompimento de relações entre Portugal e a Sardenha não proveio de se não effectuar o casamento da rainha com o principe de Carignan, vê-se até da data dos officios trocados entre o duque de Palmella e o conde de Lavradio e a que acima nos referimos.

Se por um lado a opposição não afrouxava um só momento nos seus ataques contra o ministerio, pelo outro este parecia não perder occasião de dar aso a novas investidas. Um dos assumptos que durante muitos dias trouxe presa a attenção publica, e a imprensa oposicionista explorou e bem, foi uma proposta de condecorações apresentada ao ministro da guerra pelo visconde de Sá da Bandeira, e cujo fim era galardoar alguns officiaes e soldados dos diferentes corpos, que com o mesmo tinham servido no Alemtejo e no Algarve, durante a ultima campanha, proposta esta que foi acintosamente regeitada por Saldanha na sua qualidade de ministro da guerra, que deu motivo a uma troca de cartas e officios curiosissimos entre o duque da Terceira e Sá da Bandeira, e que la levando o governo a praticar a enorme leviandade de metter em conselho de guerra o mesmo Sá da Bandeira, pelo crime de insubordinação e sagran-

Bandeira, em rasão d'este ter aconselhado no Porto, durante o cerco, a D. Pedro, que elle devia ser exemplarmente castigado, por se haver posto em comunicação com os generaes de D. Miguel, sem previo conhecimento do mesmo D. Pedro.

A verificar-se o julgamento de Sá da Bandeira, teriam de ser chamados a depôr como testemunhas alguns dos nossos primeiros vultos politicos e militares, como Saldanha, Terceira e Palmella, e d'ahi, emfim quantas reputações desfeitas, quantos mysterios desvendados não haveria, pois a opposição já se preparava para explorar em proveito proprio o assumpto, chegando até a offerecer-se a Sá da Bandeira, para ser seu advogado, Leonel Tavares Cabral, o celebre *brojaca*. O julgamento não se verificou, é verdade, mas da polemica resultou Sá da Bandeira filiar-se definitivamente no partido opposicionista e Saldanha ouvir algumas verdades amargas da propria bocca do seu camarada e antigo amigo.

N'um officio dirigido pelo visconde de Sá da Bandeira ao duque da Terceira, em 3 de setembro de 1835, lê-se o seguinte:

«O sr. ministro da guerra, na parte do seu officio, que a V. Ex.^a dirigiu, encarrega-me de comunicar-me, que a lei da criação da ordem da Torre e Espada é clara e terminante, e ultrapassal a é um attentado, que o governo jámais permittirá. Gravis-

commissões de serviço da minha profissão, especialmente se eu tivesse aceitado estas commissões, e mais ainda se a salvação da patria d'ellas dependesse. Então, eu reccaria, repito, porque taes feitos são sempre vergonhosos.

«Direia V. Ex.^a que foi com grande magoa, que, lendo o officio em questão, o vi assignado pelo sr. marquez de Saldanha, por me vir á ideia que os serviços por mim feitos nos ultimos 25 annos nas guerras da independencia e da liberdade nacional, serviços certificados por numerosas cicatrizes, me davam, não o direito, mas sim a esperanza de achar certa urbanidade de expressão para commigo da parte do sr. marquez. De mais, eu sempre me persuadi que s. ex.^a nunca me contou no numero das pessoas que lhe eram adversas. Varias provas lhe dei de interessar-me pela sua gloria: mencionarei uma só, por ser decisiva, ainda que de dolorosa recordação. O sr. marquez de Saldanha não terá esquecido que no dia 2 de julho de 1828, depois de eu ter recusado o logar, que me foi offerecido, a bordo do vapor *Belfast*, e de ter declarado, que eu seguiria a sorte dos soldados, qualquer que ella fosse, eu fiz todos os esforços para que s. ex.^a não abandonasse o commando, que *havia accitado*, e se pozesse á testa de 30 batalhões, 6 esquadrões, e 24 bocas de fogo montadas, que formavam o nosso bello exercito.



TISZA

sima é sem duvida uma accusação de se ter commettido um attentado contra a lei, especialmente sendo feita por um ministro da guerra a um official *que nunca se alistou* nas fileiras do inimigo da lei. (1) Se o ministro pensa que o official commetteu um crime, elle tem o poder de o fazer julgar. Perante juizes, eu somente reccaria se a consciencia me accusasse de ter faltado aos meus deveres como cidadão, ou como soldado.

«Como cidadão, se por exemplo a consciencia me accusasse de algum dia me ter ligado com os inimigos da liberdade; de ter faltado á minha palavra e ás minhas promessas; de ter preferido sordidos interesses á honra e á gloria, (2) e de parecer desprezar, por reprehensiveis faltas de character, a estima dos meus concidadãos.

«Como soldado, se por exemplo eu me tivesse subtrahido a

afim de expulsar o usurpador. Do que digo fôram testemunhas os officiaes commandantes, que na noite d'esse dia se reuniram em conselho. Ah! se sua ex.^a o tivesse feito, que immensa gloria não teria adquirido? Quantos horrores, quantas lagrimas não teria s. ex.^a poupado á nossa infeliz patria—»

Como os opposicionistas não perdiam uma unica occasião de atararem o governo, até o auxilio que Portugal se obrigou a prestar á Hespanha, pelo tratado de 24 de setembro de 1835, contra as pretensões de D. Carlos, fazendo marchar para aquelle paiz um corpo de seis mil homens de todas as armas, foi thema para largas discussões na imprensa.

Este acto do ministerio Saldanha nada tinha de condemnavel, pois Portugal não fazia nada mais do que a Hespanha não havia muito nos fizera, e além d'isto o tractado da quadrupla alliança (22 d'abril de 1834) impunha-lhe por assim dizer essa obrigação.

O governo, para em alguma cousa fazer a vontade á opposição, convocou, por decreto de 9 de outubro de 1835, os collegios eleitoraes para a eleição de deputados que deviam preencher as vagas que havia na camara, e que eram muitas, pois passavam de trinta, preenchimento este porque a mesma opposição há muito clamava.

(1) Parece que Sá da Bandeira se refere aqui á conducta de Saldanha em 1823, que, quando teve logar a Villafrancada, saiu de Lisboa e foi unir-se ás forças do infante D. Miguel, em Santarém.

(2) Refere-se ao facto de Sá da Bandeira ter se unido a D. Miguel, sem o conhecimento do governo.